



MANUEL GAMEIRO

ILVSTRAÇÃO
PORTVGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Crown Ribbon and Carbon Mtg. Co.ª

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparação:
Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª da
R. Nova da Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA

**Perfumaria
Balsemão.**
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra.—Diplomada com frequencia em massagem **MEDICA ESTETICA**, pedicure, manucure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'**ORTOPEDIA E MASSAGEM**.—Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereço telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641—C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade aplicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria—Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria—O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria—Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria—Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria—Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria—Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

N' venaa em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



MADemoisELLE TETCHAU KIVVA

ILUSTRE CANTORA JAPONESA, ATUALMENTE EM S. CARLOS E UMA DAS CELEBRES INTERPRETES DA «MADAME BUTTERFLY»

CRONICA FUTIL

MARIA:

Os figurinos deste mez,
Não posso inda mandar-tos... Tem paciencia.
Mas por Deus não me acuses de indolencia...
Eu já fui ao Barbosa tanta vez!

NÃO sei se por atrazo do correio,
Não ha maneira de chegar a «Vogue»...
Outro senhor com cara de «bull-dog»,
Jura, porém, que a «Femina» já veio.

PROCURO-A sem sucesso. Ao que parece
Esgotou-se tal qual como o «Chiffon»...
Mas custa-me a dizer-to neste tom
Pois sei que tudo isto te aborrece.

QUE queres tu que eu faça? O mais que posso
E' dizer-te o que vejo por aqui.
Usa-se muito o preto, o azul, o «gris»,
E a pele de macaco é o «pão nosso».

OS chapéus sem modelo especial,
Coloridos, berrantes, atrevidos,
Quasi nunca vão certos com os vestidos
O que entre nós é pouco original.

OS sapatos complicam-se. Ha meninas
Que usam nos pés fivelas de vidrilhos,
Penugens de galinha, pedras finas,
Lantejoilas, missangas e fitilhos.

AS meias são as mesmas. De tal geito,
Que mostrem bem a pele do arte.ho.
As saias continuam p'lo joelho
Embora a moda aponte esse defeito.

E agora adeus, Maria, até á vista,
Por hoje não me lembro de mais nada.
A Moda é uma rainha destronada,
Com prosapias esteticas de artista.

NA *première* de uma das muitas peças portuguesas
de fraco successo e triste memoria:

Gualdino Gomes num grupo de amigos, ouviu a
custo o primeiro acto fastidioso e arrastado, mastigou o
segundo, bocejou no intervalo, e dispoz-se a pro-
testar contra o autor daquela peça que lhe tinham
pregado, aí pelas alturas do terceiro acto, que não
era o ultimo da peça.

Ao subir o pano entabolou-se um extensissimo
dialogo entre os dois principais personagens da peça.

Gualdino Gomes inquieto no seu modesto banco
no galinheiro, cortando a monotonia do dialogo com
risinho e pigarro, a custo se continha. A certa al-
tura os dois artistas puzeram se a discutir uma
questão de familia de que o autor da peça contava
tirar grande efeito.

—E se nós contássemos tudo ao marido?— alvi-
trava um deles.

—Não concordo—respondia o outro...—Se nós
avisássemos antes a condessa?

—E se nós isto... continuava o primeiro.

—E se nós aquilo... refutava o outro...

Na sala uma atmosfera precursora de tempestade.
De subito uma voz aguda, metálica, rica de sono-
ridades:

—E se nós nos fossemos embora?— Gualdino Gome-
s não acabara ainda a frase, e já a plateia em
massa se escoava pelas portas tomadas de assalto,
escancaradas por dezenas, centenas de mãos impac-
cientes.

A uma das muitas mesas do Martinho, á hora ter-
rível das confidencias, dos «potins» e dos ditos
de espirito.

Um grupo de artistas—pintores e literatos, cre-
mos nós—em volta de meia duzia de chicanas de café
aromático, procuram sintetisar em frases curtas o mo-
vimento intelectual da semana.

Por acaso sobre a mesa um dos ultimos numeros
da interessante revista «Seara Nova», de capa relu-
zente e pimpante, chamou a atenção de um dos cen-
sores, poeta novo, novinho em folha:

—Esta «Seara Nova» comentou êle—é uma «es-
piga»...

—Peor do que isso—atalhou do lado um novel pin-
tor—é uma verdadeira colheita perdida...

—Palha, meus amigos...—pontificou um dos
nossos mais brilhantes jornalistas, de monoculo em
punho, com aquela sua ironia inconfundível.

Escusado será dizer que nenhum dêles tinha ra-
zão...

*

Dias depois no gabinete da *Ilustração Portuguesa*,
Afonso de Bragança, o jornalista do monoculo e da
ironia, assistia á revisão destas provas.

—Atribuem a si este dito de espirito—disse-lhe
alguem...

—Sim, é certo... Andei tres dias com essa gra-
ça...—e sereno, impassível, continuou a folhear o
nun ero da *Femina* que momentos antes lhe chamara
a atenção.

AFONSO GAYO, autor inteligente de varios dra-
mas de pouco successo, teima em fazer subir á
scena no Teatro Nacional, uma nova peça da sua
autoria a que chamou «O Mais Forte». Santos Tava-
res, que lá tinha as suas razões, procurava todos
os pretextos para fazê-lo desistir do seu intento.
Afonso Gayo, porém, não cedia nem um palmo. O
resultado foi uma polemica entre ambos que pr-
metia arrastar-se indefinidamente.

Ha poucos dias, num *tea*, ouvimos a opinião de
uma senhora que se interessa muito por estas coisas
de teatro:

—O Afonso Gayo quer fazer representar a sua
peça «O Mais Forte»... Dizem-me, porém, que ela é
a mais fraca...



COMEDIAS DE TODOS OS DIAS

A VISCONDESSA DO NADA

ACTO I

Cinco horas da tarde. Na Baixa, numa casa de chá quasi deserta. Num compartimento de dentro ELA está só, deante de uma chavena fumegante e de um prato de «sandwiches». Como a tarde é triste e como a vida é aborrecida! Lá fóra chovisca. De subito ELE aparece á porta. ELA conhece-o, primeiro por o ter lido, depois porque uma amiga lh'o mostrou na rua e agora porque, sendo Lisboa tão pequena, a cada passo toda a gente se encontra. ELE fita-a um instante, indeciso, até que avança resolutamente para ela, chapeu na mão e o seu melhor sorriso nos labios.

ELE — Senhora viscondessa!

Evidentemente ele confunde-se com alguém que é viscondessa, quando afinal é simplesmente casada com o Fernandes, — conhecem? —, o Fernandes da Fernandes, Robalinho Lmt. Vai para dizer-lhe — «V. Ex.^a está equivocado...», quando, de repente, sem saber bem porquê...

ELA — *(Estendendo-lhe a mão)* Como tem passado?
ELE — *(Supunha V. Ex.^a ainda em Paris. Tinham-me dito. Parecia-me ter lido nos jornais.*

Em Paris, ela que nunca passou do Bussaco? O melhor é dizer-lhe desde já que se engana. Mas seria afinal tão divertido entreter-se um pouco com ele que passa por ser um humorista sem piedade. De modo que...

ELA — Não... Já estou em Lisboa, como vê.

ELE — *(E' curioso (Sentando-se na mesa ao lado, e ao creado que espera ordens) Chá preto, forte, muito quente, com limão... (Exit. creado. Ele fixa-a em silencio, detalhando a sua figurinha graciosa e burguesa, enquanto ela, enleada, vê passar, rapido, no quadro da janela embaciada de chuva, o traço do «trolley» de um electrico. Por fim, como se tomasse uma resolução...)* Mal sonhava eu, minha senhora, ter a estranha ventura de encontra-la aqui esta tarde. Estamos, por assim dizer, sós. Com o tempo horrivel que está fazendo ninguem nos virá incomodar. E, já que o Destino parece ter favorecido este encontro, permite que lhe faça uma pergunta?

ELA — ?

ELE — *(Baixando a voz)* Recebeu a minha carta ?

Volta o creado com o chá preto e limão. Enquanto dispõe a chavena e serve o chá, ela scisma muito perturbada. Ele escreveu a uma viscondessa com quem ela deve ser extraordinariamente parecida para que assim se confundam. Que diria ele na tal carta! Quem será a viscondessa? Por isso, quando o creado novamente se vai...

ELA — *(Levada pelo terrível demonio da curiosidade)* Não. Não recebi...

ELE — *(Com a sua voz quente e carinhosa, que contrasta com a expressão sempre ironica e por vezes dura dos seus olhos)* Bem sei que fui duma incorrecção sem nome. Escrever-lhe assim, tendo-lhe sido apresentada de fugida no intervalo de um concerto, tendo-a cumprimentado depois disso duas ou tres vezes na rua, em encontros de acaso. Mas que quer, minha senhora? Uma força superior á razão, ás conveniencias, ao respeito da sua posição, visto que não é livre, levou-me a enviar-lhe aquella carta sem reflectir sequer que podia, por uma fatalidade, ir parar ás mãos de seu marido.

A figura do Fernandes, a esta hora no escritorio, surge de subito ante os olhos dela. Mas ella ali não é a mulher do Fernandes. E' a viscondessa. Oh! mas que singular aventura!...

ELE — Diga-me que recebeu a minha carta. Tire-me da inquietação em que estou imaginando que ella se tenha perdido.

ELA — Pois bem. E' certo. Recebi-a.

ELE — *(Buscando tomar-lhe a mão que tem mais proxima)* Então sabe que loucura foi a minha. Dizia-lh'o naquelas oito paginas febris que tive a insensatez de lhe enviar. Dizia-lhe que, desde o primeiro instante em que a vi—terrível banalidade das primeiras cartas de amor—senti pela sua beleza tão original pelo seu espirito que eu adivinhava insatisfeito e complexo por detraz dos seus olhos luminosos e simples, uma atracção a que não tentei sequer resistir. Sinto que as palavras me atraíam neste momento, que nunca poderei repetir o que me parece ter sabido exprimir na minha carta. Leu-a, não é verdade? E perdôa-me, visto que me consente que volte a falar-lhe no meu amor.

ELA — *(terrivelmente Fernandes e para dizer alguma coisa)* O senhor está louco. *(Deixa que elle lhe tome a mão)*.

ELE — Soube depois que tinha partido para Paris, que ia lá passar todo o inverno, que impusera quasi essa viagem ao visconde seu marido. E—veja até onde pode alcançar a fatuidade de um homem—cheguei a persuadir-me que essa abalada subita fôra em parte motivada pela minha audacia. Seria assim?

ELA — *(interessadissima pela aventura, morta por ouvi-lo falar e, afinal, perturbada por aquella voz)* Quem sabe?

ELE — *(chegando a cadeira e beijando-lhe as pontas dos dedos)*. De uma vez que a cumprimentei de relance na rua pareceu-me ver nos seus olhos um interesse, um pequeno interesse, um interesse muito pequeno, mas ainda assim bastante para me alegrar essa tarde e pôr uma esperanza no meu coração durante oito dias. Foi por isso que lhe escrevi. Por isso me atrevo hoje a repetir-lhe que a desejo veementemente, que estou bem certo que farei loucuras por si, que... que...

Entrou de repente um sujeito já idoso, de luneta, capa de borracha, que afinal é juiz do Supremo. Ella conjunde-o com um

outro velhote que é muito da Fernandes. Robalinho Lmt, que negocia em conservas e de quem o marido lhe fala a meudo. Meu Deus! Se o Fernandes vem a saber que ella estava num chá conversando com «elle» que é tão conhecido. Diabos levem o velho! Aquilo ia tão bem. O melhor é levantar-se, ir-se embora.

ELE — *(surpreso)*. Já se vai, senhora viscondessa?

ELA — *(baixo e nervosa, indicando com os olhos o velhote)*. Vou. E' preferivel.

ELE — *(com uma febre no olhar)*. E quando a tornarei a ver? Esta noite em S. Carlos?

— S. Carlos? O Fernandes nem em tal massada quer ouvir falar.

ELA — Não. Esta noite não vamos a S. Carlos.

ELE — *(mirando de soslaio o velho da capa de borracha)*. Quere que a espere amanhã, ás cinco horas, num trem fechado, no alto da rua das Taipas?

ELA — *(com um vulcão em cada bochecha)*. Não! Não! Isso não... *(Após um silencio)*. A' manhã... não posso.

ELE — Na quinta-feira, quere?...

ELA — *(vendo que elle insiste e o velhote olha desconfiado)*. Talvez.

ELE — Diga-me que sim. Se soubesse tudo quanto tenho para lhe dizer? Posso esperá-la, não é verdade? Na quinta-feira... A's cinco horas... No alto das Taipas...

ELA — *(com um medo horrível que o Fernandes venha a saber e ao mesmo tempo deliciada)*. Pois sim.

ACTO II

Na quinta-feira, ás seis e um quarto. Em casa d'ella, naquelle rés-do-chão de Vale de Pereiro. Ha uma lampada còr de rosa pendurada no tecto...

ELA — *(Que se decide finalmente)*. Quero dizer-te uma coisa; mas tu vais zangar-te...

ELE — Eu? Meu amor!...

ELA — Sim. Jura-me que não te zangas...

ELE — Juro.

ELA — Eu... não sou a viscondessa da Flôr da Murta, como tu imaginas.

ELE — *(Muito tranquilamente)*. Já o sabia. Não ha mesmo em Portugal, que me conste, uma viscondessa da Flôr da Murta...

ELA — Mas então? E conhecias-me? Sabes quem eu sou? Já me tinhas encontrado?

ELE — *(Sorrindo)*. Nunca. Descobri-te naquele dia. Eras uma linda mulhersinha que se aborrecia numa tarde triste e numa casa de chá quasi deserta, uma linda mulhersinha a quem era preciso interessar contando-lhe uma historia. Contei-te a historia da viscondessa. Foi a primeira que me acudiu á memoria de entre as muitas que nos é forçoso saber para embalar as mulhersinhas bonitas como tu. Não me queiras mal. Dize-me que não me queiras mal...

ELA — *(Após não ter reflectido nem um minuto sequer)*. Para quê? Afinal agora era uma tolice.

E a lampada continúa còr de rosa.

ANDRÉ BRUN

A EX-IMPERATRIZ ZITA, EM LISBOA



1.—A antiga rainha da Hungria no cais do embarque ao dirigir-se para bordo do «Avon». 2.—O arquiduque Franz-Joseph-Otto, antigo príncipe imperial, e seu irmão. 3.—A antiga Família Real da Hungria, na sua recente passagem por Lisboa (Clichés Garcez)

A ENTREVISTA DA SEMANA



AUGUSTO PINA, NO TEATRO NACIONAL

MAGRO, esquinado, talhado em madeira, Augusto Pina — o homem elegante dos bastidores portugueses — patinado em Paris, possuindo o charuto imenso e a peliça considerável dos empregarios, foi eleito diretor do Teatro Nacional Almeida Garrett.

Ele, que tinha passado a vida a scenografar ambientes, a pintar papeis — começa agora, mais intensamente, a scenografar atitudes, a pintar realidades, a erguer *maquettes* — essas *maquettes* da vida que são as peças de teatro.

Este homem, sereno e frio, delicado, sabio, acolhedor, está, pois, em fóco. A missão complicada de gerir, administrativamente e tecnicamente, o primeiro teatro portuguez de declamação, no momento preciso em que uma evolução caracterizada, se nota, não só nos produtores da dramaturgia nacional, como no proprio publico, no momento em que, nitidamente, as modernas correntes geraes de Arte invadem todas as manifestações, desde a musica á cenografia e á pintura, essa missão, repetimos, é tão grave e de tal fórma profunda, que entendemos hoje ouvir, para a *Entrevista da Semana*, o novo administrador do Nacional, o qual, por todos os motivos, a merece e a quem é justo reconhecer, em materia de cultura geral e conhecimentos do *métier*, não só a experiencia do trabalho em empregos anteriores, como a actualisação d'essa experiencia, pela sua larga e proveitosa permanencia no estrangeiro.

*

Procurámos Augusto Pina no gabinete intimo do administrador do Nacional — uma das anónimas e despercebidas portas da esquerda, no grande salão nobre do primeiro andar, sobre a arcaria.

Anda no ar aquele cheiro a bafio humido que teem de dia as casas de espectáculo, e um fumo vago de cigarrilhas. Sobre um *mapple* antigo, está desdobrado, opulento, o magnifico sobretudo de peliça — essa tal peliça considerável, sem a qual

não ha empregario possível, e que lhe é indispensavel, como o copo de agua ao conferencista ou a pera ao major reformado.

A nossa conversa vae ao sabor do acaso. Fala-se de teatro, em geral, e do Nacional, em particular.

A situação de Augusto Pina é delicadissima. Cada artista de teatro em Portugal ou leu de tal modo a condessa de Geucé, ou assimilou tão conspicuamente o conego Anaquim, que lidar com eles é trazer de cór os conhecidos tratados de civilisação e etiquetas.

Se ele até houve já quem dissesse que o problema mais grave em teatro era distribuir uma peça na casa de Garrett — tão grave que era preciso pôr no poder um governo de concentração geral — um governo extra-partidario, um governo... Nacional, Nacional Almeida Garrett...

Mas, nós arriscamos perguntas, perguntas sobre perguntas...

Augusto Pina, para se defender, evoca o seu passado, fala-nos da sua paixão pelo teatro...

—E como começou essa paixão?

—Sei lá... Eu nasci no teatro. Ha muitos anos... Eu tenho cincoenta anos! — e n'esse tempo tinha apenas 6 ou 7, já eu morava quasi no teatro. Habitava uma casa, ali por cima da drogaria Barros, junto ao *Rua dos Condes*. O meu quarto, a minha cama, ficava junto á empena do palco.

«Mal me levantava, todos os dias, via em baixo, no pateo onde se faziam os adereços, essa maquinaria dourada, que era o meu sonho, o meu pobre sonho do teatro...

«Debruçava-me, então, largamente, da janela, a observar tudo aquilo, e sentia-me irresistivelmente atraído... O que vê...

Do quarto ao palco foi um pulo. E, recordando a sua vida passada, este Augusto Pina, que faz o milagre de ter cincoenta anos, que parecem trinta, de ter pertencido a uma geração já toda morta, e pertencer a uma que começamos a viver, fala-nos

de Mariano Pina, o jornalista celebre e seu irmão, de Antonio Enes e... da reforma do Nacional.

Vem á baila os incidentes de então, e eu sei, só agora, o que foi essa intensa campanha do ministro dramaturgo, no seu *Diario Nacional*, obrigando o *Diario do Governo* a decretar uma reforma, o que foram as criticas de *bota a baixo* á celebre empresa Rosas e Brazão, ao *Drama no fundo do mar* e outras peças consideradas já, e justamente, como «grandes maquinas industriaes e improprias d'um teatro Nacional.

Sobre a mesa — sobre essa mesa complicada do empresario, uma folha dactilografada, indica-me a lista enorme dos sociarios e dos contratados do Nacional. O seu numero extraordinario impressiona-me. Sobre a lista ha tres cruces azues — tres mortos: Inacio, Pato Moniz e Lucinda do Carmo — e ha uma cruz encarnada: Eduardo de Freitas...

Insisto em perguntar:

—Mas vamos a saber, meu amigo, os seus planos sobre a nova gerencia?

—Repere n'esta folha, supõe o que seja a despeza correspondente a este elenco?

—Calculo. Uma coisa fabulosa...

—Fabulosa. Com uma má administração não pode haver nunca uma companhia capaz.

«A parte financeira é fundamental, quer se trate d'uma companhia oficial ou particular — da tranquillidade e equilibrio financeiro depende, a meu vêr, o resto. Até ao fim da epoca, maio — estou sujeito ao passado. Por muito pouco que seja melindrosa a minha situação aqui dentro, posso assegurar-lhe que, para o ano, o Nacional terá uma companhia excelente de conjunto, sem faltas de elementos para todo o grande repertorio dramatico, nos seus elementos parasitarios, nem situações imoraes. Procurarei disciplinar, disciplinar! — porque sem disciplina não ha absolutamente nada.

—E encontrou falha a disciplina?

—Sim, falha, por vezes — embora conte em todos, pessoas dispostas a secundar-me.

—Projetos futuros de repertorio?

—Estou já estudando com o maior cuidado o futuro repertorio, em função da futura companhia... Espero dar uma novidade apresentando, pela primeira vez, scenarios estilizados, no tipo Léon Bakst.

«Levarei tambem a efeito, segundo a letra da lei, a festa classica. N'ela vou dar tambem algumas notas inéditas, que me parecem interessantes. A sala ligará com a platéa, as primeiras filas de espectadores serão rigorosamente vestidas á epoca da peça e tentarei conseguir os pares nobres, com as armas bordadas, das varias casas,

e que era costume estenderem-se por velhos teatros, pendentos dos camarotes dos seus donos.

«Em ultima caso, reconstituir-se-hão alguns. Parece-lhe interessante.

—Sem duvida, meu amigo, é, pelo menos alguma coisa não vulgar.

—E, far-se-ha o que se puder. O teatro hoje, como tudo que constitue uma necessidade discutivelmente imediata, sofre uma crise tremenda. O teatro torna-se inacessivel ao publico, que não pode pagar exorbitancias, e inacessivel ás primeiras figuras que não desistem de *cachets* fabulosos. A equação material do teatro variou muito com a mudança de fisionomia da sociedade *post-guerra*. A classe média que se mantinha equilibrada na vida e se podia conceder o luxo de frequentar uma 2.^a ou 3.^a ordem do Nacional, hoje, com o desequilibrio do seu orçamento, modesto, retrae-se ou procura aclimatar-se no cinema, mais barato. As correntes novas que gosam da situação melhor, procuram, por educação e por temperamento, de preferencia, o baixo teatro. Uma rara *élite*, que se esgota n'uma semana, não pode manter a quantidade de teatros que tem Lisboa...

—D'af...

—D'aqui, um facto real, o qual não vale a pena occultar: Não é possivel substituir as peças, nem montal-as com a rapidez precisa. D'af, as casas fracas; d'af, a perda. Remedio: preparar repertorios, trabalhar muito, diminuir os preços de entrada, baixar os ordenados exorbitantes.

«Assim, tendendo para um equilibrio economico, é talvez possivel tender tambem para uma desafogada e tranquila vida artistica. Além de tudo...

—Além de tudo?

—Além de tudo, o publico e a critica estão hoje d'uma exigencia enorme, o que só prova bem e em seu favor, mas que nos obriga a um grande esforço...

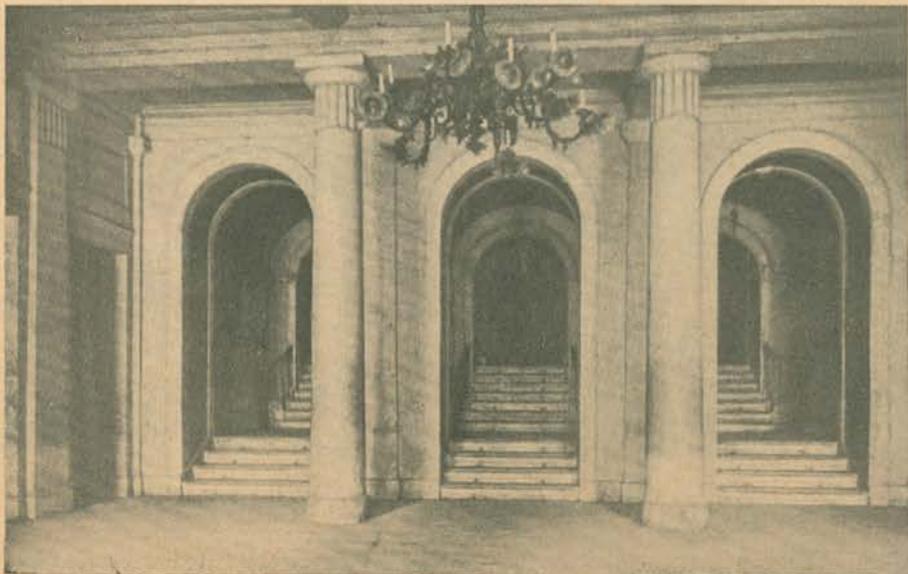
«E, se alguns estão dispostos a esse esforço... outros ha...

*

Estamos já nos corredores silenciosos do Nacional. Dentro, a sala, vazia, humida, funebre, com os seus dourados palidos brilhando vagamente na penumbra, ecôa n'um pigarro gutural. E', sem duvida, um sociario. Esbarramos com ele, n'uma escada de serviço. *Cache-colle*, luvas, polainas, feltro largo. Só o nariz de fóra, nos saudou — um nariz *baton*, um nariz dramatico. Pensamos que aquele homem era uma pessoa consideravel, que aquele nariz era um simbolo, e que aquela companhia andava constipada.

—Decididamente, aquele ator podia ser para a companhia a sintese d'um *ex-libris*...

O HOMEM QUE PASSA



O átrio do Teatro Nacional

(Clichés Garcez)

A FESTA NO CRUZADOR INGLÊS "DELHI"



Um grupo a bordo ao cruzador inglês «Delhi» em que figuram as sr.^{as} ministras da Espanha e da America



Outro aspecto da festa. No primeiro plano, o sr. ministro da America. No segundo plano, o sr. ministro da Espanha

(Clichés Salgado)



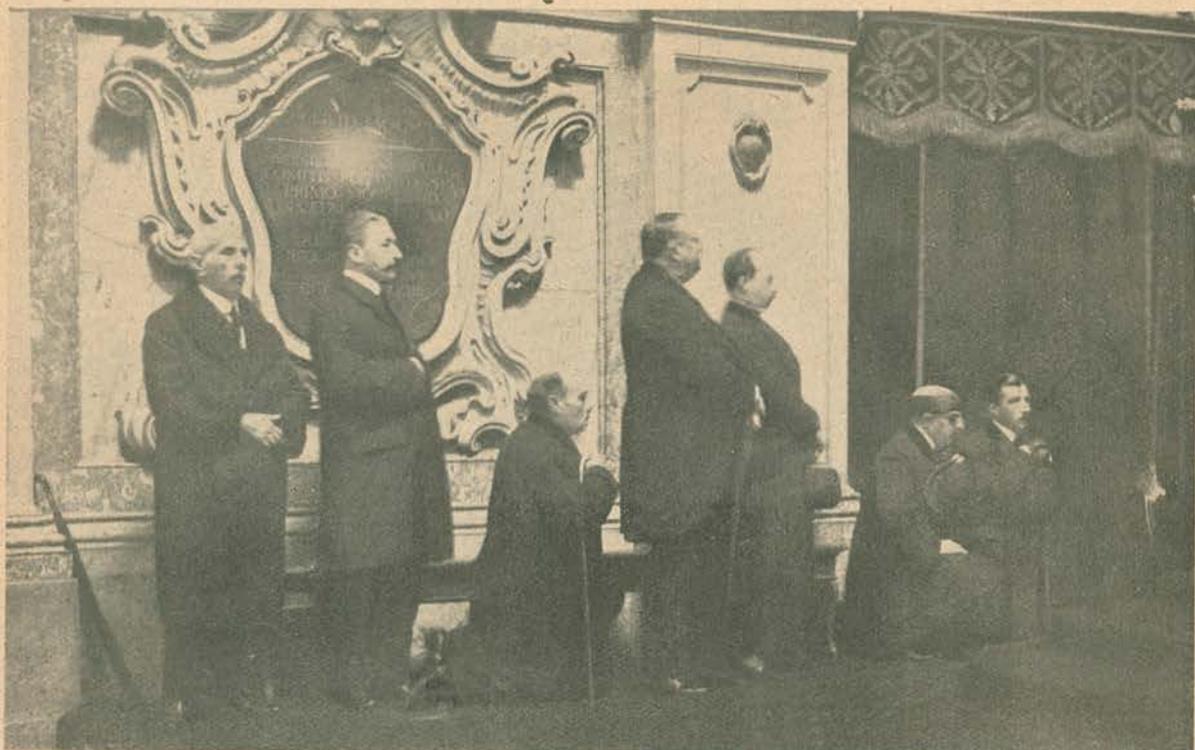
C A N Ç Ã O

SOL nulo dos dias vãos,
Cheios de lida e de calma,
Aquece ao menos as mãos
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando
A mão que por ela passe,
Com externo calor brando
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dôr é nossa
E a fraqueza que ela tem,
Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém!

AS CERIMONIAS RELIGIOSAS DA SEMANA



*Os representantes do senhor D. Manuel. De pé: Os senhores Conde de Sabugosa e Conselheiro Aires d'Ornelas.
Ajoelhado: O sr. Antonio Candido*



*O corpo eclesiastico que celebrou as missas pelas almas do sr. D. Carlos e do sr. D. Luiz Filipe
(Clichés Salgado)*



Na igreja da Encarnação. A' saída da missa pelas almas do senhor D. Carlos e do senhor D. Lutz Filipe



*Na igreja de Santa Isabel—O sr. arcebispo de Mytilene, que hontem officiou nas exequias por alma de Bento XV
(Clichés Salgado)*

O ELOGIO DAS HORAS

(CONTINUAÇÃO)

III



DUAS horas da manhã... A hora histórica, a hora eléctrica do club... A luz dóe, a luz arde, a luz morde... luz sensual, luz carnal, que tanto pôde vir dos lustres como dos colos luminosos das mulheres...

Os corpos lutam, envolvem-se, enovelam-se, atam-se, em helices humanas, girando, rodopiando no mostrador da sala, onde ficam a vibrar, como horas em delirio... Os tziganos, diabolicos, vermelhos, lançam, constantemente, em largos gestos, a lenha para a fogueira...

Batem-se as mãos para que os criados venham; tocam-se os labios para que o desejo acuda... Ha gargalhadas agudas, estridulas—gargalhadas, nos violinos, nas bocas, nos talheres...

Ao centro, na oval, que é a cintura flexível da sala amaneirada, continúa a cumprir-se o ritual... Corpos abraçados, atados em lançadas, em helices humanas, girando, rodopiando — num ondular de carne e seda, na maré alta, no vagalhar surdo do Desejo... No cinema vivo dos meus olhos, roçam fôrmas caprichosas, irreverentes, impossíveis... As minhas mãos incrédulas tocam-nas, palpam-lhe a

tinta fresca dos vestidos... Fico com os dedos húmidos, a escorrer desejo, a pedir um lençol de pele para se enxugarem... Quem desenhou isto tudo? Leonnec, Vincent ou Préjelan? Aponto-as, com frases, a um amigo, como quem lhe endereça bilhetes postais coloridos de Martin ou Zamora...

A valsa esmorece, desfolha-se como uma rosa sanguínea... A grinalda dos corpos desfaz-se, quebra-se, cai... Agora é uma «danseuse» de olhos honestos e corpo desmanchado... Abre os braços, esforça-se, agita-se, como quem está prestes a afogar-se, salva-se, enfim, humilde, sorridente, a carne húmida ainda... Misericórdiosas, as mãos estendem-se, esmolam-na com algumas palmas perdidas, enfastidadas...

Diabolicos, vermelhos, os tziganos preludiam um tango coleante, perverso... Os corpos levantam-se novamente, elevam-se, vão uns de encontro aos outros, num ondular de carne e seda na maré alta dos sentidos!...

Duas horas da manhã... Na sala de jogo — a Bolsa do club — o relógio grave, pansudo, então, com en-

fase, as duas horas... Em volta da roleta — como quem vela o seu proprio cadaver — ninguem dá pela Hora...

No relógio do Destino, na pendula metalica da voz dos *croupiers* acabam de soar doze... Essa é, para os jogadores, naquele instante, a verdadeira hora, a hora da fortuna ou da ruína... As mãos misteriosas, coroadas de anéis, enfeitçadas, magicas, pairam um momento sobre o pano verde, abrem-se por fim, e, como quem lança sementes, deixam cair montes de prata, num trabalho de prestidigitação, de escamoteio, que assombra... No velodromo da roleta, a bola corre, veloz, minuscula, como uma *charrette* na rua mal calçada duma aldeia... Num dado momento pára, apeia-se o destino, e vai ter com quem o espera... Na gaiola de ouro dos numeros, sente-se um bater de azas: são os passaros que, numa chilreada, aberta a gaiola, largam todos o vôo para não voltarem mais... Acolá é a banca francesa. Monotonamente, silenciosamente, deitam-se os dados... Aquilo é o tunel das Danaides; por mais que se deite, como não tem fundo, não consegue encher-se... E' um jogo impressionante, aquele... Os braços dos *croupiers* estendem-se, farejando, perscrutando como furões, oleosos, peganhentos, moles...

Não ha febre, não ha vida, não ha ritmo... Tudo aquilo para ali está, quieto, parado, aconchegados uns aos outros, como naufragos aglomerando-se numa jangada, esperando, com resignação, a onda que os ha-de trazer a todos...

Ha outras mesas, mesas de *Baccarat*, de *Bridge*.

O que é aquilo? Prestidigitação, espiritismo, misterio?

A bola da roleta, implacavel, cruel, continúa veloz, vertiginosa, como uma *charrette*, a *charrette* dum médico chamado a toda a pressa, na rua empedrada duma aldeia...

Fujo... Ao chegar á porta, olho mais uma vez para traz, e tenho a impressão duma barcaça tragica, em que todos remam, no vae-vem dos braços... Os *croupiers* vão ao leme e, no naufragio iminente, só eles se salvarão...

Duas horas da manhã... Fujo do museu Grevin do Jogo onde os homens e as mulheres se esquecem de compôr a mascara e ficam como são... Refugio-me na salazinha azulejada, onde os jornais, os *magazines*, os candeeiros íntimos de «abat-jour» põem uma nota de contraste que eu saboreio regaladamente, afundado num «maple». Ao longe, como num palco longinquo, a electricidade continúa a zurzir os corpos, a vergastá-los, a oxigená-los... *A valse d'amour* de Moskovsky insinua-se nas bocas, convoca-as, reúne-as...

Ha um desmoronar de atitudes... A linha recta da Vida curva-se, quebra-se, desmancha-se.

Duas horas da manhã... A Hora-Elipse, a Hora que deslisa no mostrador como um par de dançarinos num «fox-trott» rapido, sensual, vertiginoso...

IV

Tres horas da manhã... A Hora-trapeira, a Hora-ferro-velho, a rebuscar, a apanhar no caixote de lixo da rua abandonada, os ultimos farrapos... São os mendigos que adormeceram no leito dos portais, com a cabeça acarinhada no travesseiro do sonho... São as mulheres do chale, bonecas de trapos, em que apenas a cabeça vive porque o corpo é a noite, mulheres perdidas na treva, amassadas por Deus, com os sobejos da Vida... São os marujos torpes, acanhados, vestindo blusas ingenuas como bebês de entrudo, os marujos que andam aos bordos pela Noite como no alto-mar.

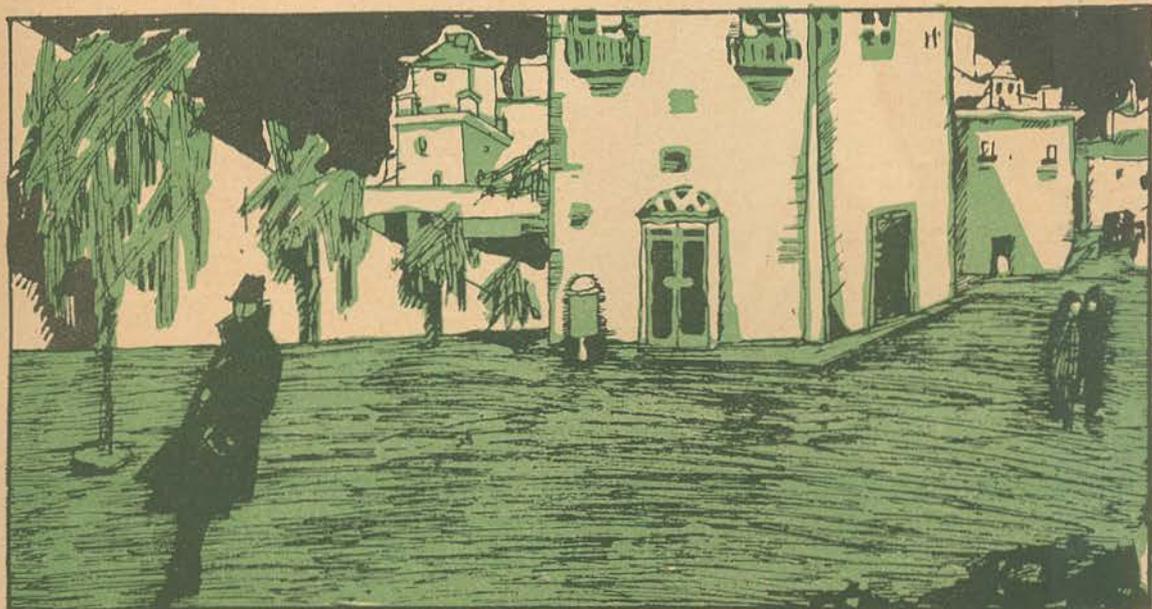
São os boemios com familia, para quem as tres horas é a hora limite—os boemios presos no lar com homenagem na Vida—que caminham, de olhos no espaço, a pôr etiquetas ás horas felizes que passaram. São certas mulheres exiguas, de quico e sapatos rôtos, que as portas dos clubs pobres, cospem, de quando em quando, mulheres que parecem comprimidas numa prensa, amolgadas pelo Destino... São as mulherzinhas em novelo, a tiritar com frio e a vender café quente, gesto maternal, piedoso, que lhes dá um certo ar santificado de mãezinhas da noite... São os guarda-nocturnos, os carcereiros da rua, que, longe de guardar a noite, são guardados por ela, no sono longo de que só despertam, nos olhos estremunhados das lanternas, quando as nossas mãos, cansadas de se baterem caem para o lado, vencidas, resignadas.

São as tipoiias imundas, com as molas estoiradas, oferecendo o ventre desgrenhado ao primeiro que passa. São os cães fantasmas que roçam por nós... Gatos liricos que recolhem da orçã dos telhados... São os mariolões de boina e *cache-col*, de mãos nos bolsos e olhos baixos, que todas as noites, embaçados, disfarçados, passam, a esta hora, junto da Treva, que assaltam, que esfaqueiam, que matam...

Tres horas da manhã... Os candeeiros bocejam uma luz triste... Ouve-se, ao longe, uma tipoiia, no estertor... Dentro das casas, num resonar brando, sereno, o silencio respira... Na sugestão da Hora alguém bate as palmas, tres vezes...—Um bebado traz de rastos uma cantiga...

Tres horas da manhã... A Hora-trapeira, a Hora-ferro-velho, rebuscando, apanhando no caixote do lixo da rua abandonada, os ultimos farrapos...

ANTONIO FERRO



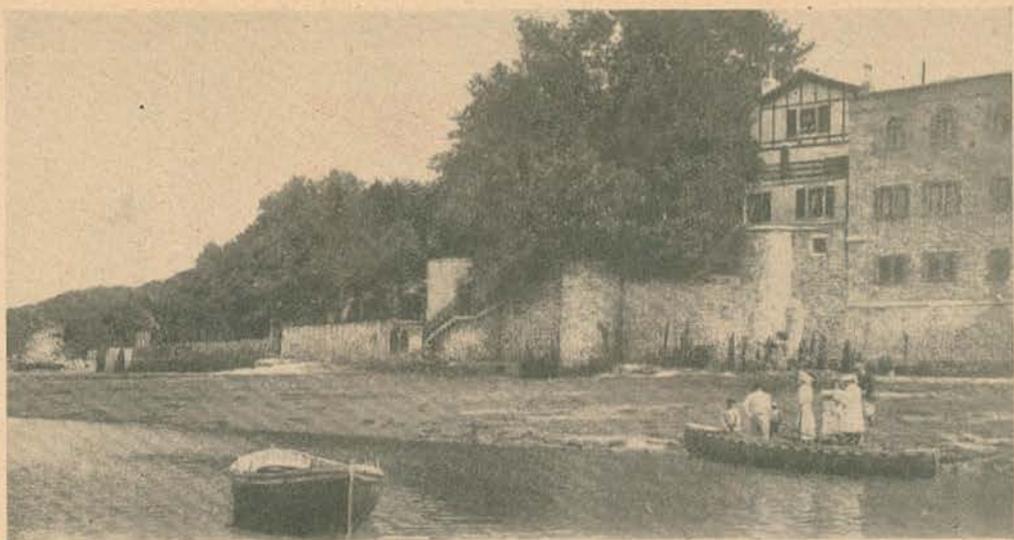


por Afonso Lopes Vieira



AOS PORTUGUESES
QUE NÃO SAIBAM LER
E SEJAM
A ULTIMA GENTE
PRIMITIVA E CRISTÃ
DA NOSSA TERRA,
E AO ESCOL DE ESPIRITOS
DOS QUE LERAM TUDO
E SINTAM O EXÍLIO NA AMADA PÁTRIA,
OFEREÇO, DEDICO E CONSAGRO
ESTAS PÁGINAS
QUE EXALTAM O NOSSO LIRISMO,
E ONDE O MAIS HUMILDE DOS POETAS
BUSCOU CONTRIBUIR PARA
REAPORTUGUESAR PORTUGAL
TORNANDO-O EUROPEU,
PROCURANDO,
ATRAVÉS DA SELVA ESCURA,
SALVAR TAMBEM A SUA ALMA.

Reprodução da dedicatória do admirável livro «Em Demanda do Graal», que o poeta Afonso Lopes Vieira acaba de lançar ao mercado



Em Hendaya. A casa de Pierre Loti

PIERRE LOTI

PIERRE LOTI, o grande escritor a quem a Legação de Honra acaba de prestar homenagem, é um talentoso paisagista incomparável que tem cruzado todos os

mânes e que tem meditado sob todos os céus, é um talento que nunca envelhece. Julien Viaud pôde ter sofrido, mais ou menos, os ataques do tempo inexorável, Pierre Loti é sempre novo, pois vive mil existências, que têm todas — assim como a velhice e a mocidade do ano — o seu inverno e a sua primavera, que se repete, que se renova com a mesma vida profunda da sua alma inquieta. Já nos seus primeiros livros passava a queixa melancólica dessa inquietação, dessa angustia surda, que é a misteriosa ancia de mais vida ou talvez de outra vida que abranja todo o mundo, *todos os mundos*, na plenitude duma eterna mocidade.

Esse desejo obscuro de infinito, em que ha alguma coisa de sombrio por que é impenetrável e de luminoso por que deslumbra, ha de fazer de Pierre Loti um crente, pela íntima lógica inevitável da sua psicologia, a través de todas as hesitações, a través de todas as duvidas.

Nas paginas admiráveis da sua obra sente-se o murmúrio continuo do Oceano, essa grande alma tumultuosa e profunda, que acompanhou, que inspirou as suas meditações,

as suas tristezas, as suas saudades. Tem-se a impressão nitida, de que só um homem do mar podia

ter escrito, pensado e sentido essas paginas maravilhosas de colorista requintado, em que a simplicidade é arte, em que o laconismo é eloquência, em que as pequenas coisas dolorosas, delicadas, humildes, se debuxam num relevo terno de poesia.

Apreciando o que Pierre Loti escreve, não pôde haver imparcialidade no meu comentário, pois que, lendo os seus livros, não preciso de procurar sentir o que leio, de tal modo leio o que sinto.

Pierre Loti é para mim um amigo distante e quasi desconhecido na sua pessoa, por que lhe falei apenas uma vez, ha dois anos, em Hendaya, onde ele se refugia, de quando em quando, algumas semanas, na casa pequena e tranquilla das margens do Bidassoa, que nos recordam as figuras adoráveis desse romance delicioso, nos seus moldes de poema simples, que se chama «Ramuntcho».

As portas dessa casa, severamente fechadas á curiosidade de viajantes e *touristes*, abriram-se gentilmente para mim, mercê do nosso velho conhecimento epistolar.

Um acaso favorável fez-me saber que Pierre Loti se encontrava em Hendaya, quando ali passei, na época de grande concorrência, que é justamente



Pierre Loti, na sua casa de Hendaya

aquela em que Loti se afasta, quasi sempre, para que não perturbem o seu refugio.

Dirigi-me sem demora a *Hendaye-Port*, o velho burgo que tantos portugueses bem conhecem.

Entre no jardim arborizado, que uma sébe viva separa do caminho e aproximei-me da casa branca e silenciosa. Numa das portas do rez-do-chão appareceu-me uma velhinha rosada e afavel de touca branca — ar confiante de criada antiga — a quem fiz a banal e forçosa pergunta:

— Mr. Pierre Loti está?...

dos seus olhos penetrantes, de um azul-gris carregado, profundo, indefinivel, ardosia que parece ter bebido a cor nas ondas revoltas do revoltado Oceano. E lembrava-me das palavras com que Plunkett descreve Loti, no prefacio das «Fleurs d'Emmi», citando estes versos da «Namonna» de Musset:

«..... l'air fier et nerveux,
Ce qu'il avait de beau, surtout, c'étaient les yeux».

Falámos tambem da Turquia, a grande sacrificada,

Remerciements, bons souhaits
et hommages

Pierre Loti
5 Janvier

— Está, minha senhora...

Escrevi duas linhas, a lapis, num cartão de visita e entreguei-o á velhinha risosa, que desapareceu no interior da casa, com o seu passinho miudo.

Pouco depois, de outra porta, surgiu um homem trigueiro, alto, tipo rude de pescador mal transformado, que me perguntou secamente o que desejava e me afirmou que Mr. Pierre Loti não estava, «tinha saído de manhã e não dissera a que horas voltaria».

Hesitante e desconsolada julgava-me expulsa pela hostilidade evidente e decidida daquele fiel cão de guarda, quando a touca branca e o rosto rosado da velhinha appareceram de novo. E a benevolente mensageira disse-me num sorriso:

— Está, está... Entre.

Apressei-me a segui-la, victoriosa e comovida.

Conversámos muito, numa sala pequena, confortável, mas sem a opulencia e o primoroso exotismo da velha casa de Rochefort, incompatível com esta casinha basca, guarnecida de redes pobres de pescador e de singelos moveis e velhas faianças. Vi apenas as tres salas que atravessei, até me instalar na ultima, como um antigo conhecimento, sem curiosidades importunas, sem perguntas literarias, sem que repetindo uma visita amigavel e rara.

Pierre Loti, baixo, magro, loiro, *soigné*, vestindo sem pretensões um *complet* cinzento escuro, falava sobriamente, serenamente, quasi sem gestos. Contou-me os horrores da guerra: as horas de angustia em que percorria a sua querida França devastada; a alegria de ver o filho são e salvo e a perspicua prevenção de novo conflito, mais ou menos distante.

E eu, que o escutava atentamente, seguia as modalidades do seu rosto expressivo, aquilino e sêco,

a segunda patria do seu coração, a Turquia suggestiva das «*Desenchantées*», que todos os dias vai sofredendo

as transformações que a profanam, que a modificam, que a destróem a pouco e pouco, e os desastres, as desgraças de que se encontra uma descrição tão viva e uma dôr tão funda na «Turquie agonisante».

Falámos da Bretanha agreste, melancolica e forte, evocada nas paginas harmoniosas do «*Pêcheur d'Islande*».

Falámos... nem eu sei de que falámos mais.

Tinha-me levado ali um sentimento de admiração, duradoiro e sincero, mais delicado de que a curiosidade e que não obedecia a um plano, nem procurava citações e notas.

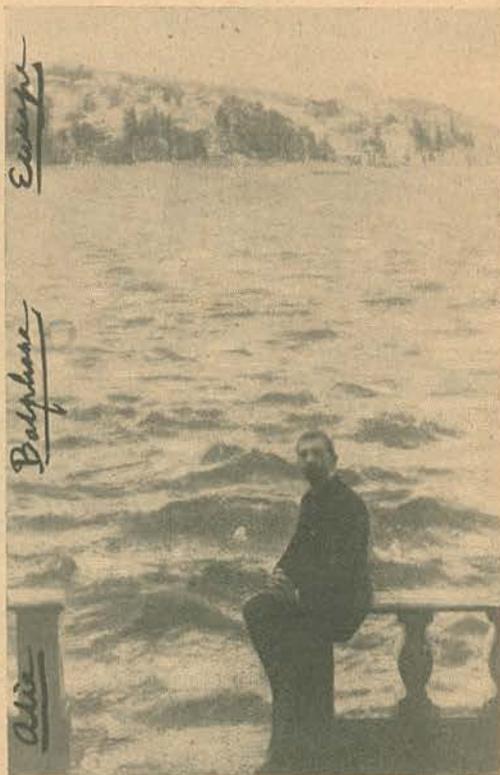
Quando saí da casa de Pierre Loti ainda fazia sol, num doce entardecer do fim de setembro, quando o outono põe em tudo uma luz que impalidece, doirada e suave, numa serenidade quieta.

Desci á praia e sentei-me um momento, que não me recordo já se foi longo ou breve. Fuenterrabia com a sua igreja e *el castillo* de Carlos Quinto destacava-se na margem fronteira no fundo azul-desvanecido, quasi-pérola, do céu.

O meu pensamento fluctuava, luminoso e incerto. Aquela visita fora, para mim,

um claro «*reflet sur la sombre route*», mas as nossas impressões são como as paisagens, precisam de perspectiva.

Agora, dois anos passados, dobando o fio das minhas recordações, sinto que o recordar dá tambem ao pensamento uma especie de outono sumptuoso, em que tudo fica vagamente palido e vagamente doirado...



Pierre Loti, enamorado do mar

A DANÇA NA ARTE

III

LOUIS LEGRAND

NAQUELE violinista barbado, que explica familiarmente qualquer coisa á decotada atenção das duas dançarinas sentadas num sofá, Louis Legrand retratou-se um pouco a si próprio.

A água-forte intitula-se *O Amigo das Dançarinas*. Pelo agrado que lhe inspiraram, pelo encanto de que as revestiu, o primoroso desenhista foi, além de amigo, um verdadeiro amador das moveiças bonecas do tablado.

O fundo da amizade é a simpatia, a compreensão, a tolerância. Legrand, pintor do beijo, mostrou-se, para com as bailarinas, compreensivo, tolerante e afeiçoado.

Não as olhou de cima dentemente, como instrumentos de convulsa paixão. Sim, calmamente, artistamente, comenlêvo, com serenidade, com beleza. A despropósito viria pedir-lhe a impiedade satirica de Degas, ou o maravilhoso estilo de Lautrec; dois pintores da dança, que nestes artigos já passaram.

Para Legrand, a dançarina é sempre

bonita, nova, engraçada. Repudia as feias e as canhestras. Com o lápis e o buril, afirma-se como um poeta amavel, madrigalesco, dos bastidores da Opera.

E' um artista equilibrado, rissonho, seguro.

Cara na estimação e cara hoje no preço, para os amadores do bailado, a obra de Legrand, delicada, interessante, graciosa, é das mais procuradas.

Pois não será todo um sorriso a deliciosa água forte *La Fille à sa tante*: a pequena bailarina-aprendiza, chupando uma guloseima, sentada ao pé da velha que faz meia?

E não será outro sorriso *A primeira lição*: a mesma bailarinazita infantil, meio desconfiada, com o braço em arco sobre a cabeça e segurando a porta para a tia entrar?

As petizas do bailado, as novatas da Academia Nacional de Música, a que os franceses chamam «ratinhos», almas de puerícia, corpos a alvorecer e a adextrar-se para a violenta gracilidade da coreografia sementes, botões, de futuras estrêlas, inspiraram



Délassement

a Louis Legrand uma série encantadora sobre o que se poderia chamar a infância das bailarinas.

Capital ainda, entre elas, a água-forte

nas, Legrand notou também a graça das mais velhas. E' agora *Le Déshabillage*, a dançarina que se despe no camarim. E' logo, no *Après la danse*, a dançarina bor-



A primeira lição

Les Mioches, onde duas garotas, de saia de gaze, pousam num sofá, uma de perna estendida, a outra de mãos cruzadas.

Anotador enternecido das mais peque-

cada que se penteia, varrendo o chão com os cabelos. E' com o *Grupo de dançarinas*, a que se compõe ao espelho. E' ainda *La Mome Terpsichore*, aureolada pelo

saial branco, olhando a sola da sapatilha em atitude semelhante á da clássica estátua do *Espinho no pé*.

Para nos dar a bailarina, Legrand só muito excepcionalmente recorre á côr: no *Busto de dançarina*, por exemplo, ou na tão petulante *Dançarina da flor*. Basta-lhe quasi sempre o desenho, o seu desenho sóbrio e rápido, para a exprimir, como no rigoroso espreguiço do *Délassement*, ou no fino apontamento da *Dançarina em repouso*.

A barra, a barra maleabilizadora e fatigante, que faz parte de todos os ginásios dançatórios, não podia faltar na galeria de Legrand. O seu grupo das *Quatro dançarinas*, tres encostadas a ela em abandono de cansaço, a ultima, mais activa, a exercitar-se, é um numero de quatro algarismos ricos de contraste e flagrancia.

No *Exercice d'assouplissement*, combinou a barra com uma cadeira, e nas *Duas dançarinas* substituiu-a por uma poltrona, sôbre cujo rebôrdo uma das bailarinas estende a perna e o braço direito justapostos.

Até aqui, a dançarina de teatro. A seu lado, surge na obra de Legrand, e muito célebramente, a *Chahuteuse*.

São famosos e rarissimos os desenhos, na maioria coloridos, com que, em 1891, illustrou os dois suplementos do *Gil Blas* consagrados ás *Excentricidades da Dança*

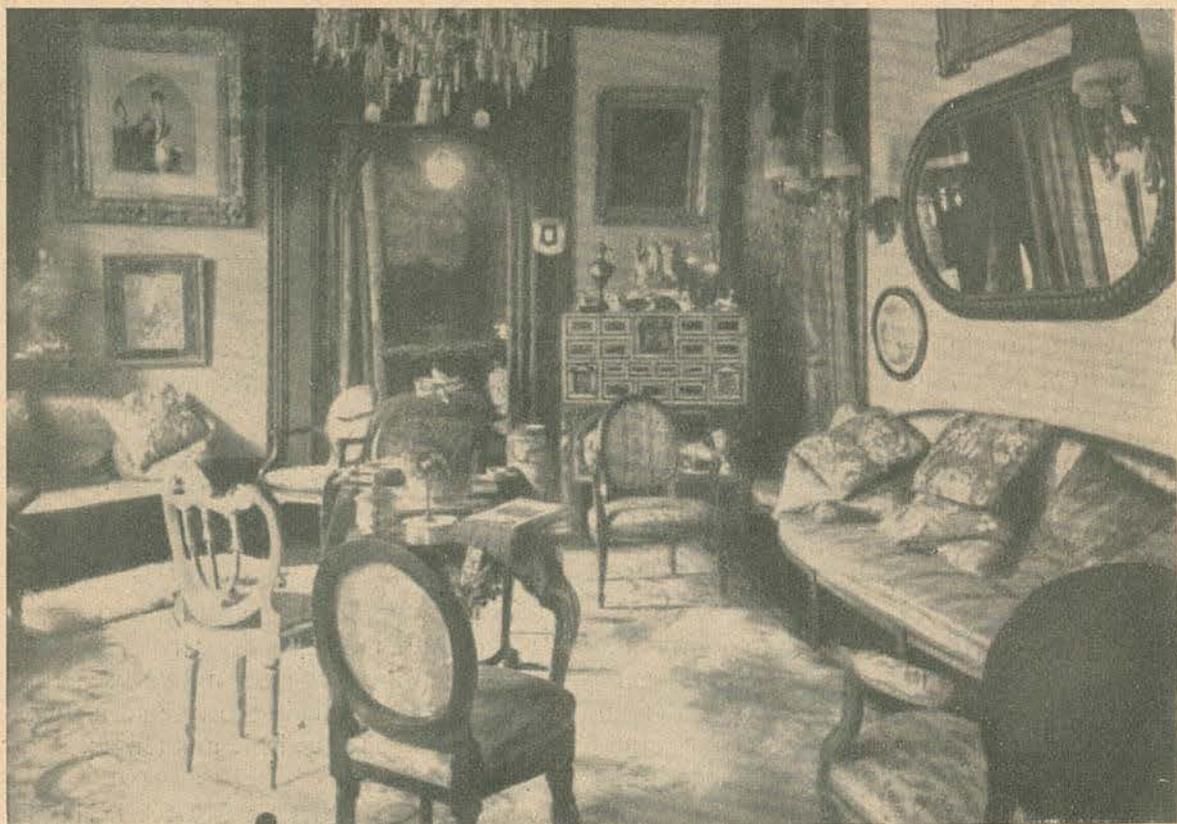
Com largueza e com espirito, Legrand, nesses notaveis documentos, deu bem a medida do seu valor, arquivando para todo o sempre, definitivamente, as fases mais tipicas do *Chahut* e da preparação das dansas canalhas: os *Brisements*, o *Balancement*, a *Guitare*, o *Salut militaire*, *La Jambe derrière la tête*, *Le Port d'Armes*, *Le Grand E'cart*.

Ainda aí, as suas faculdades de artista sadio e normal se testemunham, pois, ao fixar os mais desbragados rompantes do cancan quintessenciado, nunca prescindiu da finura e da distinção que só a verdadeira arte sabe imprimir aos temas.

MANOEL DE SOUSA PINTO



O amigo das dançarinas



Uma das salas da brilhante noetisa

INTERIORES DE ARTE

A casa de Zulmira Falcarreira, a poetisa que sob o pseudônimo de *Azul* tão lindos sonetos tem publicado em diversos jornais e revistas, é uma casa policroma em que há bonecos de trapos, livros de iluminuras, móveis preciosos, quadros de artistas célebres, almofadas de retalhos, fétiches, estatuetas, bric-à-brac.

Zulmira Falcarreira, a auctora da festa da Trapologia que tanto barulho fez, tem nas suas salas as mais belas *étalages* da sua arte — a sua arte de trapos, feita como os seus versos de fragilidade, de encanto, de deliciosa futilidade. Zulmira Falcarreira tem na sua casa a mais linda ilustração dos seus versos. Em cada parede, em cada canto, uma aguarela, um cartão, uma sanguinea a in-



O gabinete de trabalho

terpretar-lhe os sonetos. Em cada mesa, em cada *étagère*, livros de autógrafos, albuns de correspondências literarias, curiosidades japonesas, excentricidades dos *boulevards* de Paris.

Em casa de Zulmira Falcarreira há degraus de almofadas feitas pelas suas mãos habilidosas — as mesmas mãos que há um ano computaram para as Belas Artes, de farrapos e retalhos velhos, bonecos, soldados, fantoches, fétiches, todo um mundo de *mario-nettes*, policromos e articulados.

E finalmente, a atenuar a leveza, a fragilidade, a superficialidade do ambiente, graves armarios de pau santo, pesados repositores de veludo, manchas vermelhas de damascos velhos.

(Clichés Salgado)

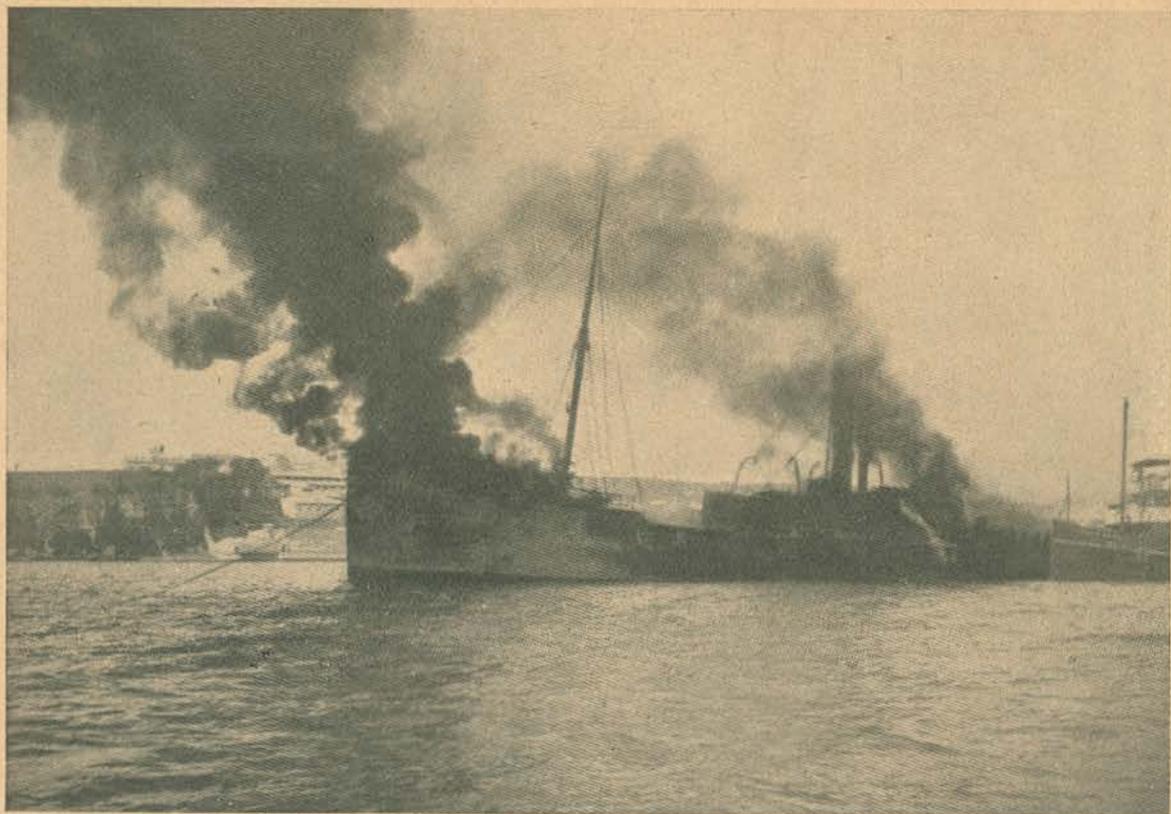


Na Escola de Guerra. Juramento de bandeira



Protecção á infancia. 20 crianças vestidas pela Troupe Familiar Francisco Gomes Lopes, sendo duas destas crianças protegidas do «Seculo»

(Clichés Salgado)



O incendio a bordo do «Lusitania»

(Cliché Salgado)



A esquadra inglesa em Lisboa. Um pelotão de marinheiros à saída do Arsenal

(Cliché Garcez)

O NOVO MINISTERIO



O novo governo saindo da casa do sr. Presidente da Republica



O sr. Cunha Leal, o sr. Julio Dantas e o sr. Nuno Simões, despedindo-se—(Clichés Garcez)

OS LIVROS DA SEMANA



O Sr. Conde de Sabugosa

DONAS DE TEMPOS IDOS (3.^a edição) pelo Sr. Conde de Sabugosa. — Não ha nada que seja velho — quando o espirito é novo. O Sr. Conde de Sabugosa, escritor illustre e paciente, que é um enamorado do Passado no que o Passado tem de Sonho, de Pitoresco e de Beleza — traçou, nas *Donas de tempos idos*, uma série de admiraveis figuras femininas, a que a patine das épocas mortas, dá um mais acentuado prestigio de nobreza, de misterio e de encantamento.

Como um colorista emotivo e heraldico, o sr. Conde de Sabugosa torna intensamente vibráteis essas mulheres que a poeira das idades cobriu já — e, conseguindo erguê-las dos seus sarcófagos, como pequenas estatuas resuscitadas, fá-las viver de novo, mover-se, sorrir-se, sofrer nas ondas asperas da Vida, levantar a sua magestade esbelta nas pompas hieraticas das côrtes, ser flôcos de delirio e de fé, de poesia e de heroismo, de beatitude e de supplicio, de perversidade e de candura. Bem longe ficamos, depois de ler os capitulos deste livro gentil e erudito, bem longe ficamos da realidade e da banalidade de hoje, O Sr. Conde de Sabugosa é o escritor de um mundo seu, de um ambiente seu — onde a estilização dos scenarios e a elevação das personalidades nos consola e nos afasta da atmosfera moderna, atmosfera de vertigens, de quermesses e de histerias asperas...

De resto, as *Donas de tempos idos* sai agora na terceira edição. Portugal tem sabido pois interessar-se pelas heroínas do Passado — o Passado que a devoção do Sr. Conde de Sabugosa soube tornar admiravelmente presente...

O LIVRO DAS CHYMERAS, por Alfredo Pimenta. — A sua obra curiosa e requintada de poeta, Alfredo Pimenta veio acrescentar mais um volume de misteriosas e sortilegas belezas. Diferente da maior parte dos nossos liricos, que em geral procuram, levados na eterna oada elegiaca da raça, os motivos sentimentais e enamorados — o autor da *Alma ajoelhada* busca sobre tudo as emoções de Arte, de uma Arte apenas feita de ritmos esbeltos, e colhe essas emoções onde quer que seja, na flôr vermelha de uma bôca ou no extase brumático de um sonho, na ascensão heraldica de um orgulho ou no crepusculo maguado de uma descrença. No *Livro das Chymeras* encontra-se a mesma sensibilidade exigente e musical que já nos apparecera em outras obras, por exemplo no *Livro das Sinfonias Morbidas*. A mais, como nota de evolução e de renovação, ha talvez um maior numero de temas sensuais, de uma sensualidade elegante ainda, mas nem por isso menos vibrante nem menos ardente, nem menos perturbadora.

Além dalguns belos sonetos e dalguns poemas interessantes, «Sob o misterio do simbolo», Na sombra da ante-camara», as «Tres cartas», e outros, ha uma composição onde esse effluvio voluptuoso se encontra mais intenso e de que recorto algumas quadras salteadas:

A tua bôca huvi da, a sangrar,
Como sangrenta póipa de granada,
Esper o bello unico, sem par,
Da minha bôca anclosa e enamorada...
.....
O sangue da tua bôca me estontela,
Prtu da-me o desejo de bellja-la...
Em meus sonhos de amor tive-a e bel-jel-a
Até beber a côr da tua fala...
.....
A tua bôca fresca de gulosa
Desmata na volupia que a per'uma...
E o heljo que ela der, linda e valdosa,
Ha de ser leve e fragil como a espuma.
.....
Quantas vezes, nas horas enfadadas
Da minha y di que o terror sufoca,
Eu slato em minha bôca, alucinadas,
As loucuras d'amor da tua bôca!

CARAS E CORAÇÕES — crônicas, por Hipolito Raposo. — Um dos generos literarios em que mais claramente se espelha o vinculo duma personalidade — é, decididamente, a crônica, a crônica da sensação e do comentario esparso. Nos versos, nos romances, nos contos — ha mais artificio, mais carnaval, o carnaval mentiroso e scenografico da imaginação. A crônica, pelo contrario, é, quasi sempre, um vôo de sinceridade, uma afirmação de critica expontanea. Através essa critica



O Sr. Hipolito Raposo

essa sinceridade — alcança-se, lucidamente, uma psicologia e uma alma.

Hipolito Raposo é um prosador que livros precedentes collocaram num lugar de merecidissimo relevo. Especialmente, no «Outro Mundo», ficou bem afirmado o poder da sua visão impressionista e as qualidades notaveis das suas creações de Beleza. Hipolito Raposo é um estilista duma extrema harmonia serena, cujo espirito equilibrado e culto se preocupa sempre com a fôrma estetica das coisas e, tambem, com a sugestão intelectual dos aspectos diversos da vida. Esse seu temperamento reflexivo e calmo manifesta-se e expande-se uma vez mais nas *Caras e Corações* — onde ele reuniu artigos dispersos em varias colunas d'imprensa. Saíndo da habitual leveza ironica e frivola da crônica leve, Hipolito Raposo dá-nos, no seu livro ultimo, curiosas meditações e paginas buriladas de prosa limpida.

Caras e Corações, como livro fragmentario, ficará, pois, marcado pelo meu aplauso e pelo meu apreço.

A NOSSA REVISTA. — Recebemos os n.ºs 6 e 7 deste mensario fundado por alunos da Faculdade de Letras do Porto.

Estes numeros vem magnificamente colaborados por Raul Brândão, Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra e outros nomes de valor.

João AMEAL

NOTA: — Só se criticam os livros de que nos forem enviados dois exemplares.

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas cerninaes, escrofulas, llnfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rápido e energico. Tonico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Corrello, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Louanda: Serra, Anjos & Irmão



Marca de Fábrica registrada

Um Bemfeitor da Humanidade

EM toda parte do mundo, para todo o mundo, e

Linimento Sloan

tem demonstrado ser o anjo da bondade. Para o cançado caminhante, ou o trabalhador fatigado, cujos muscullos cançados pedem auxilio; para os velhos que sofram de ataques rheumaticos, que amarguram a vida; para a criança que bate e fere a testa quando brincando, e em mil outros casos semelhantes, milhares de pessoas tem recarri-do ao

Linimento Sloan

e applicando-o sentiram uma ligeira e agradável sensação de calor, e prestes nada mais, unicamente a inefavel satisfação de se terem libertado do inimigo.

Compre um vidro agora; pôde bem ser que ao chegar em casa hoje tenha necessidade do mesmo

(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º - Lisboa.

11. R. MOUSINHO DA SILVEIRA - Porto

O homem misterioso

Que em 1920 profeti ou a morte de MACHADO SANTOS e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrologo J. Rabestana*, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 réis para a resposta.

Alfaiataria Cabral

DE

Manuel A. Cabral & C.ª

Fazendas de novidade para verão.
Confecções para homens e senhoras

R. do Ouro, 170, 1.º

Telef. C. 3060 - LISBOA

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

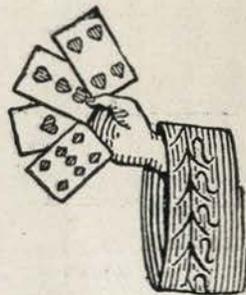
Madame Brouillard

Diz o passao e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quilromancias, cronologia e fiziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as mais alta categoria da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã às 7 da tarde (sobre-lota) - Lisboa

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passao e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 às 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS do "SECULAR"

Preço: 20 centavo

PASTA COURAÇA



Fabricante
e depositario:

M. B. B. TEIXEIRA

Rua de S. Bento, 230 a 236

Telefone 1364 Central

Telegramas: COURAÇA, Lisboa